

## A PAISAGEM SULINA - FLUXOS ENTRE O INTERIOR E O EXTERIOR

**BEATRIZ RODRIGUES<sup>1</sup>; CAMILA HEIN<sup>2</sup>; ALICE JEAN MONSELL<sup>3</sup>**

<sup>1</sup>Universidade Federal de Campinas- bigatrice@gmail.com

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas - milahein@hotmail.com

<sup>3</sup>Universidade Federal de Pelotas- alicejean@uol.com.br

### 1. INTRODUÇÃO

O tema deste estudo tem por interesse repensar a paisagem nas artes visuais, originalmente representados, na pintura, como uma vista panorâmica de um espaço externo e infinito: a Natureza. Apoiadas em autores contemporâneos que discorrem sobre as concepções de paisagem, questionamos se estes modelos pictóricos são adequados para representar a paisagem local do sul do Brasil, seus aspectos urbanos, subjetivos, privados e públicos.

Nesta pesquisa, consideramos outras possibilidades de se pensar a paisagem como um espaço que flui de dentro para fora e vice versa. Como pressuposto das nossas indagações sobre a paisagem, está a tentativa de desenvolver propostas poéticas que estabelecem e visualizam modos de pensar a paisagem como fluxos entre espaços internos e externos. Segundo Lalande (1996, p.374), “o *interior* e o *exterior* são uma relação espacial intuitiva que se expressa pelas palavras *dentro* e *fora*”, onde se subentende que o *fora* se refere ao espaço visível e material, enquanto o *dentro* sugere um espaço oculto.

As noções de interior e exterior são vistas como um espaço da produção do sujeito (interior) no seu entorno (exterior) e referem-se à relação entre o sujeito e os espaços dentro e fora da casa, ou seja, privado e público.

Estas reflexões foram desenvolvidas durante os encontros do projeto de pesquisa “Deslocamentos, observâncias e cartografias contemporâneas” e seu subprojeto, “A paisagem sulina (sul do Brasil, Uruguai e Argentina) em narrativas artísticas contemporâneas”, coordenadas pela Profa. Dra. Duda Gonçalves e com a colaboração da Profa. Dra. Alice Monsell, de maio a junho de 2012, tendo como enfoque os modos de experimentar e perceber a paisagem local. O objetivo da pesquisa é promover um mapeamento das produções que versem sobre alguns aspectos da paisagem da região sul e a partir deste, realizar ações e produções artísticas. O grupo é composto por artistas que estão na graduação e outros em cursos de pós-graduação em artes visuais, história, filosofia, letras, entre eles, graduandos especialistas, mestrandos, mestres, doutorandos e doutores. A diversidade de interpretações e os modos de ver a paisagem foram suscitados por algumas leituras, experiências e pela trajetória artística de cada um.

A questão da paisagem foi estudada em *A invenção da Paisagem* de Cauquelin (2007), que despertou a possibilidade de reinventar os modelos da paisagem, fazendo-nos compreender que as imagens que consideramos “paisagens” não são de fato experiências subjetivas de um espaço ou lugar, mas construções culturais de uma imagem da Natureza. A paisagem é

um projeto [...]. A natureza se dava apenas por um projeto de quadro, e nós desenhávamos o visível com o auxílio de formas e de cores tomadas de empréstimo a nosso arsenal cultural. (CAUQUELIN, 2007. p. 26)

Assim, a paisagem enquanto imagem convencional é criada a partir de seus modelos, tais como: “o impressionismo, o barroco, a Renascença italiana, os cartões-postais, o calendário de parede ou a descrição literária e fílmica...” (Ibidem). Nossa noção de paisagem emerge não da contemplação de algo exterior a nós, como o mar, mas de “nossas próprias construções intelectuais”(Ibidem, p. 27).

Em De Certeau, Luce e Mayol (1997), a noção cultural do espaço privado é analisada através de uma separação espacial interior/exterior:

Quanto mais o espaço exterior se uniformiza e se torna constrangedor pela distância dos trajetos cotidianos, com sua sinalização obrigatória, seus danos, seus medos reais ou imaginários, mais o espaço próprio se restringe e se valoriza como lugar onde a gente se encontra enfim seguro, território pessoal e privado (1997, p. 206).

No entanto, as práticas do cotidiano, que outrora se limitaram ao espaço privado doméstico, parecem hoje tornar a separação espacial indistinta entre dentro e fora e entre privado e público. Agora, as práticas privadas se estendem além das paredes e em outras paisagens, na rua, em ações como ouvir música, comer, utilizar aparelhos de comunicação como celulares e computadores na sua apresentação portátil (*smartphones, tablets, etc*), entre outras ações que caracterizam a sociedade contemporânea. Por outro lado, as práticas públicas se instalam *dentro* de casa. As reuniões online (*conference call*), os escritórios domésticos, lojas de roupas e vendas abrem as portas da garagem da própria casa, reconfigurando esse espaço privado.

O artista austríaco Hundertwasser também nos ajuda a pensar a paisagem. Em sua obra, teoriza sobre a relação do sujeito e seu entorno local e global. Ele pensa em termos de relações, fluxos entre o sujeito e seu entorno, no espaço físico e social. A formação do sujeito em seu meio é recíproca, em outras palavras, um sujeito formado e formando sua paisagem social:

Para Hundertwasser, a metáfora da PELE é revestida de uma vigorosa expressividade por nos passar a ideia de permeabilidade e plasticidade, permitindo a recriação de espaços onde forma e conteúdo se confundem e se produzem recíproca e inseparavelmente. [...]

Para o artista, existem cinco-peles, quais sejam: a epiderme, o vestuário, a casa, o meio social e o meio global. Imbricadas e coexistentes, as peles se intercomunicam não de modo arborescente, hierarquizado e centralizado, ou seja, a partir da consciência e vontade de um sujeito, que operaria como centro do processo. Fora e dentro, mundo e sujeito não existiriam como realidades dadas, mas produzidas na relação passariam a ser consideradas como constituidoras dos termos (FONSECA, 2003, p. 3).

## 2. MATERIAL E MÉTODOS

O grupo fundamentou os procedimentos no método da cartografia, que:

visa acompanhar um processo, e não representar um objeto... A cartografia é sempre um método *ad hoc*. Todavia, sua construção caso a caso não impede que se procurem estabelecer algumas pistas que tem em vista descrever, discutir e sobre tudo, coletivizar a experiência do cartógrafo. (KASTRUP, 2009, p. 32).

A metodologia de pesquisa em poéticas visuais também é utilizada, ela parte da elaboração prática das obras e da reflexão crítica sobre o processo de sua criação.

Vários procedimentos artísticos adotados pelos participantes desta pesquisa – o reconhecimento do lugar, a utilização de registros fotográficos e o ato de caminhar (passear) pela cidade - tem referência no artista norte-americano Robert Smithson. Estes foram estudados em Telles (2010) e em Smithson (2009) onde o artista descreve seu “passeio” ou “*tour*” por uma paisagem industrial decadente e em ruínas na cidade de Passaic, Nova Jérsei. Os projetos apresentados pelos participantes do grupo são, na sua maioria, fotografias que registram os deslocamentos por locais específicos e o percurso pela cidade, onde acontecem diálogos e trocas com as pessoas encontradas e apontamentos sobre as coisas e os fatos.

Michel de Certeau (1996) também fornece aporte para a reflexão sobre o ato de *praticar o espaço* através do ato de caminhar pela cidade (1996, p. 179), o que o autor denomina de *enunciações pedestres*. O espaço se torna lugar através da ação de um sujeito que produz a história e relações sociais do lugar, através do ato de *praticar o espaço* e de apropriar-se do lugar, ou seja, torná-lo singular (1996, p. 201).

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

As proposições artísticas dos autores desse trabalho revelaram que a experiência de caminhar e visitar o local cria uma relação entre sujeito e seu meio que não é permanente, mas que possibilita a recriação de uma paisagem pessoal percebida *in situ* e na transitoriedade e fluxos do cotidiano. Cada um dos participantes revelou um modo de utilizar a fotografia para repensar a paisagem em diferentes meios de expressão. Delimitamos as propostas de nosso grupo a seguir.

Beatriz Rodrigues propõe uma narrativa visual através do ensaio fotográfico *A alma das casas*, capítulo final de sua dissertação sendo elaborado para sua pesquisa de mestrado em andamento no PPGH/Unicamp sobre as ruínas na região sul do Rio Grande do Sul. O ensaio é composto por fotografias dos resquícios materiais das casas em ruínas que foram demolidas na cidade de Pelotas, e que ainda tem algum valor comercial, expostas na loja Demolidora Guarujá, na zona do Porto da cidade. A fotógrafa propõe a casa como morada do afeto, à luz da *poética do espaço* bachelardiana, na intenção de aludir à potência memorial destes resquícios. Propõe também trabalhar com a noção de paisagem interior, a casa como vestígio último, íntimo e, no entanto, dilacerado, destituído de sua estrutura. As imagens são *fragmentos da casa* e dos objetos cartografados na loja Demolidora Guarujá. Podem incitar a narração de memórias vinculadas ao lugar do afeto, sejam estas as casas às quais o objeto pertenceu, ou também as memórias de outras casas às quais estes fragmentos materiais possam aludir.

Alice Monsell propõe utilizar a fotografia para registrar o trajeto do lixo que sai de sua própria casa até a Cooperativa de Reciclagem Areal II do CRIAS-CEVAL no Porto de Pelotas na obra chamada *Os caminhos do lixo e sobras da minha casa*. A partir dos registros deste percurso, planeja mapear este trajeto do lixo e de outras casas de colaboradoras, construirá aos poucos, uma cartografia complexa e uma paisagem que mostra os fluxos de dentro para fora e do espaço privado para o público. Este fluxo relaciona o lixo gerado dentro de casa com os caminhos e processos industriais e comerciais que estabelecem os trajetos do lixo transportado da casa para outros lugares no espaço público, para as paisagens desoladas dos lixões. O projeto tem o objetivo de tornar estes caminhos mais visíveis e conscientizar as pessoas sobre a quantidade de lixo produzida diariamente na casa.

O ato de caminhar foi essencial para Camila Hein, que deambulou pela cidade selecionando locais para inserir adesivos fotográficos, reconfigurando esses espaços. A imagem e a frase no adesivo - *Mude sua paisagem* - tem o objetivo de

despertar o interesse de um diálogo, ou questionamento interno sobre a paisagem encontrada no lugar. Hein tem a intenção de pensar a paisagem urbana como um local de possíveis ações de intervenção. Os adesivos, *Mude sua paisagem*, inseridos nos locais selecionados durante as caminhadas, poderiam ser capazes de instigar um diálogo entre o lugar do sujeito nos locais que passa diariamente e um olhar *para dentro*, um autoquestionamento, sobre a potência de recriar paisagens internas subjetivas e, a partir disso, recriar o olhar sobre sua paisagem externa.

Esta ideia de *paisagem interna* parte de uma fala budista onde se aborda o sofrimento humano como uma incapacidade de mudar nosso olhar. A subjetividade pode se cristalizar numa única forma de paisagem interna e este estado de ser se reflete externamente, por exemplo, quando uma pessoa visita diariamente o mesmo lugar, mas é incapaz de notar os fluxos cambiantes de suas paisagens urbanas. Estes adesivos fotográficos tem o objetivo de estimular outros modos de ver o entorno circundante, despertados pela mudança da paisagem interna – um lugar de reflexão subjetiva. *Mudar sua paisagem* é mudar formas de ser, instituídas em nós mesmos. A paisagem aqui não se trata somente de uma paisagem externa ou interna, mas no rompimento destas barreiras invisíveis que separam estes mundos.

#### 4. CONCLUSÕES

Nesta pesquisa em andamento, propomos repensar a paisagem sulina a partir de uma experiência na cidade: um encontro com seus espaços interiores e exteriores em constante mutação que implica, reciprocamente, a constante renovação de nosso olhar em relação à paisagem. Uma das contribuições desta pesquisa é no sentido de promover uma discussão sobre os modos de percepção e vivência da paisagem, na sua dialética entre interior e exterior, e o desdobramento destas reflexões na constituição de uma produção poética, algo que contribui para a produção de Arte Contemporânea em Pelotas.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1996.
- \_\_\_\_\_; LUCE, G.; MAYOL, P. **A invenção do cotidiano 2**. Petrópolis, Vozes, 1997.
- FONSECA, Tânia Galli. A cidade subjetiva. In: \_\_\_\_\_.; KIRST, P. G. **Cartografias e devires: a construção do presente**. Porto Alegre:Ed.UFRGS, 2003, Cap.3,p.253-271.
- KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, E.;\_\_\_\_\_., V; Escossia, L. da.(orgs.) **Pistas do método da cartografia: Pesquisa intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2010, Cap.2, p.32-50.
- LALANDE, André. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- SMITHSON, R. Um Passeio pelos Monumentos de Passaic, Nova Jersey. **Revista Arte e Ensaios**, Rio de Janeiro, n. 19, p.162-167, 2009.
- TELLES, M. Robert Smithson: a memória e o vazio na paisagem entrópica contemporânea. **Revista Arte e Ensaios**, Rio de Janeiro, n.20, p.78-85, 2010.